

Educação e consciência de classe: desafios estratégicos

Mauro Luis Iasi*

Resumo

O artigo discute o desenvolvimento da consciência de classe e as estratégias de transformação social, destacando o papel da educação, partindo da necessidade de compreender o atual momento de apassivamento da classe trabalhadora, tendo por base o conceito marxiano de ideologia

Palavras-chave: Ideologia. Consciência de classe. Educação. Marxismo.

*Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Escola de Serviço Social (EES) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Marxistas (NEPEM) e do Núcleo de Educação Popular 13 de Maio.

O quadro contemporâneo da luta de classes coloca aos revolucionários grandes desafios. Estamos diante de um longo ciclo que resultou em um processo de transformismo, apassivamento da classe trabalhadora e recuo em sua consciência de classe que expressa uma profunda fragmentação e derrota política dos trabalhadores.

Algumas perguntas em relação a esta situação tornam-se essenciais: Por que a classe trabalhadora aceita como suas propostas políticas que são contrárias as de seus interesses? Por que ao invés de se mobilizar por suas próprias demandas, aceita ser dirigida no caminho da passividade e do acomodamento. Por quê?

O então candidato a Vice-Presidente da República, Michel Temer, ao falar para uma platéia de investidores estrangeiros dizia o seguinte: “Falo de um Brasil internamente pacificado. Se os movimentos sociais não estivessem pacificados, se os setores políticos não estivessem pacificados [...] se aqueles mais pobres não estivessem pacificados [...] isto geraria uma insegurança”. (FOLHA, 2010, p. 8).

Ainda diante desta “pacificação social”, segundo o vice-presidente do Brasil, o país se torna seguro para os investimentos. Estamos pacificados. O que temos que responder é qual a base desta pacificação, em outras palavras, por meio de que processos políticos a classe trabalhadora, tão ativa no período anterior, acabou por aceitar os termos de uma “democracia de cooptação”, tal como apontava Florestan Fernandes (1975).

Os trabalhadores e as forças de esquerda resistiram contra a ditadura empresarial – militar que se implantou em 1964. A classe trabalhadora retoma a ofensiva no anos 70 fazendo greves gloriosas que unificam os seus interesses, apresentando-se com autonomia e independência frente aos patrões e ao Estado, tornando-se o principal ator da derrubada da Ditadura e do processo de democratização.

Chega-se à Constituição de 1988 em uma correlação de forças que permite expressar no texto legal uma série de demandas que naquele momento se apresentavam como acúmulo da luta por educação, saúde, direitos previdenciários entre outros.

Tal quadro contrasta com a situação agora descrita de uma apatia, de elogios ao crescimento econômico capitalista com a maneira consensual entre as classes para desenvolver o país e resolver seus velhos problemas sociais. Os principais protagonistas do processo anterior de resistência assumem a direção

do bloco conservador e do projeto capitalista, quebrando a autonomia e independência de classe conquistada.

Parece-me que a categoria essencial para compreender o movimento da consciência da classe trabalhadora e seu atual momento de impasse é a categoria de ideologia. Volte-mos, entretanto, ao tema da consciência, das alternativas revolucionárias e suas estratégias e o papel da educação no interior deste movimento.

Por muito tempo compreendemos a ideologia simplesmente como um conjunto de ideias. Os trabalhadores amoldam a essas ideias porque sofrem uma imposição por parte da classe dominante, de maneira que acabam por constituir sua visão de mundo a partir de ideias, valores e formas de pensar a si mesmo e ao mundo, que lhes são impostas coercitivamente por seus adversários.

Marx e Engels (2007), em sua obra *A ideologia alemã*, formulam o seguinte argumento: é natural que os membros da classe dominante, que por serem dominantes detêm os meios de produção, controlem também os meios de produção e disseminação do conhecimento, fazendo com que suas ideias sejam apresentadas como universais.

De fato isto se dá. Todos nós conhecemos a importância de controlar os centros de produção disseminação do conhecimento, por exemplo, as universidades, o mercado editorial, os centros de formação, de pesquisas e de desenvolvimento de tecnologias, ou, ainda, demarcar o campo de possibilidades e a forma da divulgação e disseminação do conhecimento acumulado nos aparelhos escolares.

Entretanto, isso explica em parte o fenômeno. Explica, evidentemente, o poder de uma classe em apresentar sua visão de mundo como sendo universal e reproduzir isso no conjunto da sociedade, mas, todavia, não explica porque os trabalhadores explorados nessa ordem aceitam como suas as ideias de seus adversários.

Reich (1974), pesquisando sobre a força do fascismo dizia: o que é difícil explicar não é porque alguém rouba, o difícil é explicar porque a maioria nas condições em que se encontra não o faz.

Parafraseando Reich (1974), o que devemos hoje explicar não é porque que as pessoas se rebelam contra a ordem do capital, o que é, de certa forma, simples; mas porque a maioria não o faz e se submetem passivamente à ordem que a mantém na exploração.

A ordem do capital nunca deixou de nos ajudar no trabalho da consciência. Ela é injusta, desigual, fundada na exploração, na desumanização, e destrói qualquer capacidade da vida se expressar como vida sendo fácil entender porque as pessoas se antagonizam contra a exploração e a reificação. Por outro lado, não é fácil entender porque a maioria mantém-se passiva diante deste antagonismo da ordem do capital em relação à vida. Não pode ser somente pela reprodução e imposição de ideias, valores e conceitos prontos.

Caso restringíssemos a explicação até o que foi exposto, corremos o risco de aceitar como fundamento de nossa tese não os pressupostos marxianos, mas outra formulação, a de Emile Durkheim (1976), que acreditava que a consciência era formulada pela imposição coercitiva das formas de ser, pensar e agir. Não por acaso, para este pensador a educação encontrava-se no centro desse processo que ele entedia como positivo e saudável.

Creio que podemos ser induzidos a um erro ao compreender o fenômeno da ideologia dessa maneira, ou seja, acabamos por pensar a sua superação como a mera contraposição de um novo conjunto de ideias e valores. Caso a ideologia fosse apenas um conjunto de valores e ideias que nos são impostas coercitivamente pelos aparatos de produção e disseminação do conhecimento e, portanto, também pela educação, a resposta seria contrapor a essa educação, uma educação revolucionária pensada a partir de conteúdos e formas distintas da educação conservadora.

Não se trata de negar a necessidade de pensar e desenvolver formas pedagógicas inovadoras e de realizar a batalha das ideias. O problema é que este caminho, louvável e necessário, pode nos levar a um impasse. Analisemos mais detidamente o tema: a pista para uma visão mais complexa e profunda para compreender o fenômeno da consciência está nas próprias formulações marxianas e engelsianas presentes na Ideologia alemã: “As idéias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal (ideológica) das relações materiais dominantes apreendidas como idéias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as idéias de sua dominação [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 47).

Não se trata apenas de um conjunto de ideias que se impõem como dominantes. Elas são dominantes, já que são da classe dominante, mas a classe só é dominante porque se insere em relações sociais de produção historicamente determinadas que as colocam no papel de dominação. Ora, a tarefa ficou mais difícil, pois se as ideias que constituem uma ideologia são expressões das relações

de dominação a superação delas pressupõe a superação destas relações e, como Marx e Engels (2007, p. 42) concluíram na mesma obra, isso pressupõe um “movimento prático, uma revolução”. De forma mais direta temos:

Os homens são os produtores de suas representações, de suas idéias e assim por diante, mas os homens reais, ativos, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde, até chegar às suas formações mais desenvolvidas. A consciência (Bewusstsein) não pode jamais ser outra coisa do que o ser consciente (bewusste Sein), e o ser dos homens é o seu processo de vida real. Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu processo histórico de vida [...]. (MARX; ENGELS, 2007, p. 94, grifo nosso).

Concordando que cabe mudar as estruturas, as relações sociais de produção que são a base real da expressão ideológica, qual seria o papel da educação, seja ela pensada no campo da educação formal ou no contexto de práticas alternativas? O cuidado necessário aqui é que esta aproximação pode nos conduzir a um desvio oposto, entretanto, tão problemático quanto o desvio positivista. Corre-se o risco de menosprezar as mediações educacionais e pedagógicas acreditando que a transformação política geral, por si mesma, resolveria esses problemas.

Nesta concepção, o que deveriam fazer os educadores revolucionários? Ora, fazer a revolução e não perder tempo na busca de formas e conteúdos de uma educação revolucionária, a não ser como mera agitação da necessidade da revolução.

Tentando resgatar a dialética de seu exílio para que ela possa nos ajudar na compreensão dessas polaridades de maneira menos mecânica, teríamos que pensar de forma um pouco distinta. A consciência só pode se originar e se desenvolver como expressão de relações que constituem o fundamento da sociabilidade humana, isto é, ela não é uma força que se impõe ao humano como a ideia hegeliana ou sua expressão no Espírito objetivo ou no Espírito Absoluto. Assim, não nos espanta que a forma imediata da consciência da classe trabalhadora seja a expressão da mesma consciência da burguesia.

O proletariado não vive em outras relações, ele vive nas relações constitutivas do capital. Portanto, a primeira expressão de uma consciência social, que os trabalhadores tomam como sua, é a expressão das relações que eles compartilham com a burguesia na existência mesma da sociedade capitalista, na sua imediaticidade.

Podemos afirmar, portanto, que a primeira expressão da consciência dos trabalhadores, a consciência reificada nos termos de Lukács (1974) ou o senso comum nas categorias de Gramsci (1999), é a consciência burguesa. Eles pensam o mundo e a si mesmos a partir dos elementos que constituem a consciência da burguesia, portanto, não nos espanta que a primeira expressão prática dessa forma de consciência seja o amoldamento dos trabalhadores à sociedade da qual eles fazem parte e não sua negação.

A pergunta, então, passa a ser outra: como é possível superar este amoldamento, uma vez que estamos condenados a partilhar com nosso adversário de classe a mesma base material que constituem o fundamento de nossa consciência social?

É, no entanto, este mesmo fato que permite a possibilidade dos trabalhadores irem além de sua consciência imediata. A sociabilidade em que estamos inseridos é cindida em interesses de classe opostos, antagônicos e irreconciliáveis. Diante da atual forma de expressão da consciência apassivada que crê que não se trata de um antagonismo irreconciliável, ou seja, acredita na possibilidade de conciliação entre as classes, vejamos as razões do antagonismo.

A sociedade é dividida entre aqueles que se apropriaram dos meios de produção, que contratam a força de trabalho, extraem mais valia e acumulam privadamente a riqueza socialmente produzida. De outro lado, estamos expropriados dos meios que nos permitem produzir os bens que satisfaçam nossas necessidades. O antagonismo de interesses se expressa no fato, hoje mais nítido do que nunca, que a continuidade da acumulação de capital ameaça a existência humana.

A contradição no âmbito do real se expressa na possibilidade de uma contradição no momento da consciência, de forma que podemos falar da possibilidade de uma consciência de classe própria de cada segmento que personifica estes interesses distintos. Aqui se apresenta outro risco, há um viés sociológico que tenta entender a consciência de classe como forma de pensamento típico de cada classe, ou seja, a partir de que valores pensam e

agem os trabalhadores, ou a partir de que valores pensam e agem a burguesia, ou os camponeses, ou a pequena burguesia e assim por diante, numa clara aproximação em relação ao universo da sociologia compreensiva de Weber (1979) e, no limite, um problema antropológico que permitiria ao pesquisador ir até a classe trabalhadora, como Levi-Strauss diante dos trobriandeses.

O problema é que desta forma torna-se impossível compreender o ser da classe e sua consciência. O ser da classe é um ser em movimento, ceifado de contradições e seu processo de consciência também, que só pode ser compreendido no interior da totalidade de suas relações e não isoladamente.

Dissemos que a primeira expressão da consciência é a do amoldamento, é a consciência da ordem da qual os trabalhadores fazem parte, expressando aquilo que Marx em seus primeiro textos largamente analisou como o fenômeno do estranhamento (*entfremdung*).

Em outro momento vemos os trabalhadores se revoltando, entrando em luta, reivindicando suas demandas imediatas, aqui e ali, explodindo em formas mais avançadas de luta contra a ordem capitalista. Em situações mais precisas e raras podemos ver os trabalhadores levantando-se em movimentos históricos significativos, rompendo a ordem burguesa, ousando ir além dela, derrubando o estado burguês, iniciando experiências socialistas.

Diante desse movimento as pessoas se perguntam: qual é, então, a verdadeira essência da consciência da classe?

Gorender (1999) chegou numa conclusão espantosa: analisando bem as coisas, a classe trabalhadora é ontologicamente reformista. Os trabalhadores realmente existentes querem viver, pagar suas contas, receber seu salário, ter sua casa, ter sua educação e, se tudo der certo, deixar de ser trabalhador.

A consciência imediata é a consciência do ser inserido numa divisão social do trabalho, lutando na concorrência contra outros trabalhadores. Ora, se isso é a essência da consciência de classe dos trabalhadores, ela é, conclui o autor, ontologicamente reformista.

A consciência revolucionária seria, ainda na visão do historiador brasileiro, expressão de uma pequena burguesia descontente, revoltada que cria uma teoria e atribuiu a esse proletariado real uma tese que não é dele.

O reverso desta tese, mas que acaba por se aparentar no fundamental a ela, se apresenta na afirmação segundo a qual os trabalhadores são em si mesmos revolucionários. O próprio Lukács no início das suas formulações

marxistas acreditava nisso. Lukács em *Tática e Ética*, numa passagem depois publicada em seu *A história e consciência de classe*, chega a falar o seguinte: “todo trabalhador é, em si mesmo, um marxista ortodoxo” (LUKÁCS, 2005, p. 53). Evidente que há aqui um exagero.

É certo que a posição de classes dos trabalhadores é essencial para a formação e desenvolvimento de sua consciência de classe como possibilidade objetiva, e é isso que fala o marxista húngaro, mas isso não faz da consciência imediata do trabalhador sua consciência de classe, como o próprio Lukács bem disse.

As duas teses, no entanto, se aproximam. Quem acredita que o proletariado é ontologicamente reformista, não consegue explicar os momentos de rebeldia e revolução. Quem acha que ele é ontologicamente revolucionário não consegue explicar porque que na maior parte do tempo ele não passa fazendo revoluções e rebeldia, mas sim acomodado à ordem.

Como podemos buscar uma solução para esse problema? Afirmando que os trabalhadores não são em si mesmo nem reformistas natos, nem revolucionários por natureza. Da mesma forma, a consciência de classe dos trabalhadores não é nem ontologicamente revolucionária, nem reformista.

Estas manifestações são expressões do ser da classe trabalhadora, ou seja, a classe trabalhadora é ao mesmo tempo uma classe da ordem do capital, e por isso expressa na sua consciência os elementos do amoldamento e, exatamente por ser uma classe da ordem do capital, pode entrar em choque com esta ordem almejando ir além dela e, quando o faz, expressa uma consciência que pode chegar a uma consciência de classe.

Devemos resgatar Hegel (1997) e com ele afirmar que a verdade está no todo, mas o todo nada mais é do que o processo de sua constituição.

Onde está, então, a consciência de classe? Ela está no movimento que a leva da alienação inicial à rebeldia, a constituição das lutas imediatas, da possibilidade de constituição de um sujeito histórico. É esse movimento, nos termos de Marx, tomando por empréstimo as palavras hegelianas, que leva da consciência em si à consciência para si.

Desta maneira, estamos agregando algo ao debate de nosso tema que não é estranho à Marx, mas que normalmente não é considerado. A consciência de classe dos trabalhadores está no movimento que a leva da consciência em si para a consciência para si, mas existe um momento anterior à própria consciência em si e que é a expressão mais imediata da consciência dos trabalhadores

serializados na concorrência.

Dizem Marx e Engels (2007, p. 62) que “a concorrência isola os indivíduos uns dos outros, não apenas os burgueses, mas ainda mais os proletários, apesar de agregá-los”. Assim, o correto seria dizer que o movimento da consciência da classe trabalhadora vai desde sua serialidade própria da concorrência, na qual a classe agregada pelo capital como classe se manifesta como uma pulverização de indivíduos submetidos à concorrência, como a própria burguesia, até o momento da luta contra o capital e da vivência das contradições desta forma particular de produção social da vida que torna possível que os trabalhadores se apresentem como uma classe, ainda nos limites de uma classe da ordem do capital (em si); para em outro momento, como a potencialidade de ir além da ordem do capital (para si).

A compreensão do processo de consciência neste registro é que nos leva ao tema central de nossa reflexão. Esse movimento não é linear, nem evolutivo e, de certa maneira, a esquerda brasileira do último período acreditou que fosse.

Era uma vez uma classe toda dispersa, submetida às relações do capital, sob uma Ditadura, enfrentando situações concretas no arrocho, da intensificação do trabalho e daí as greves que eclodem no final dos anos 1970. Os trabalhadores entram em cena, se fundem como uma classe e exigem negociar com o capital as condições da sua vida no trabalho, conformam-se como uma classe na luta contra os patrões, criam organizações próprias que dão forma a este momento do ser da classe (em si) e ensaiam os germes de um sujeito histórico com independência de classe para apresentar um projeto societário contra o capital (para si), apontando para um projeto socialista, momento este que não chegou a se completar.

É compreensível que aqueles que estavam inseridos nesse movimento tenham imaginado tal processo de maneira linear e progressiva, tratava-se apenas de uma questão de tempo. Infelizmente, as coisas não são tão simples. Tal trajetória, como todo movimento dialético é em espiral, avança por recuos, retoma patamares já superados, despenca para trás.

O processo de constituição da classe como classe, nos termos de Marx e Engels (2012) em Manifesto Comunista, é um processo político de luta de classes, portanto sujeito a toda dinâmica da luta entre as classes.

A classe se conforma em grande parte por aquilo que ela produz em cada momento do seu movimento histórico. Ocorre que não é apenas a classe produz suas formas políticas organizativas, num certo momento essas formas

uma vez produzidas agem sobre a classe e a constituem como classe em uma determinada direção.

Lênin, assim como Gramsci, em outro momento afirmam que há momentos em que as massas avançam adiante dos partidos, mas há momentos em que os partidos têm obrigação de avançar além das massas. Ou seja, é fundamental que aprendamos com as massas o que fazer, mas é fundamental, num certo momento, que o partido diga às massas a direção a ser seguida dirigindo-as.

Quando nós entendemos equivocadamente a ideologia como mero conjunto de ideias que se impõe coercitivamente, o caminho para superá-la é a educação, ela seria o meio pelo qual posso arrancar os trabalhadores da alienação e trazê-los para a consciência de classe, para a luta e daí para a revolução.

No entanto, se estivermos certos em nossas análises sobre o processo de consciência (IASI, 2002, 2004, 2011), a crise da forma de consciência imediata dos trabalhadores se dá na vivência das contradições do real. No processo ideológico assumimos como nossos os valores burgueses, pois estes são as expressões ideais das relações sociais de produção determinantes, nas quais nos inserimos necessariamente e independente de nossas vontades. Se esse é o mecanismo originário da consciência imediata e igualmente útil para ideologia, ou seja, quando a ideologia dominante age sobre nós ela age sobre algo que a reconhece, não é uma mera imposição de fora, ela dialoga com as relações que são a sua própria base.

Ora, se isso é verdade a superação só pode se dar por uma contradição no campo dessa vivência, no cotidiano. O que entra em contradição, em um primeiro momento no processo de consciência, são as ideias anteriormente introjetadas na vivência de um novo contexto material que se choca com os valores ideais próprios de outros contextos.

Algo tem que ser explicado. Essa contradição é uma passagem. É um ponto que permite ação vivida num primeiro momento individualmente como sina, como contradição do próprio indivíduo isolado, mas que em certas condições sociais das lutas históricas podem dar um salto significativo. Vivenciar essa contradição que julgava minha num contexto onde a percebo também nos outros. Isso permite a fusão (SARTRE, 1979). A formação do grupo inicial que ao se desenvolver pode levar uma consciência de classe em si.

No entanto, se é verdade que vivência das contradições move as pessoas

para essa possibilidade, e as trajetórias vividas na situação de militância é a comprovação disso, não é verdade que ela, por si mesma, se desenvolve até uma consciência revolucionária.

Se é verdade – e é – que o movimento da consciência só pode brotar da vivência das contradições particulares, a compreensão da natureza dessas contradições não está nessa vivência da particularidade, na imediaticidade, não só por uma regra filosófica que afirma que o particular está no universal, mas o inverso não é válido, ou seja, o universal não está completamente no particular; mas porque se trata do campo da aparência, do campo da cotidianidade, do campo da superfície no qual as verdadeiras determinações não se expressam.

É neste momento que se torna essencial a teoria, o momento que nos permite compreender a profundidade da afirmação leniniana, segundo a qual sem teoria revolucionária não há revolução. Trata-se de captar a totalidade como síntese de determinações complexas e não podemos encontrá-la no cotidiano e no âmbito da imediaticidade. O paradoxo é que exatamente aí, neste cotidiano, que se encontra a chave para a superação do estranhamento, pois é onde as contradições entre os valores ideais se chocam em contradições com o real, mas isso não é suficiente.

É a compreensão das determinações mais profundas, da totalidade, que permite aos trabalhadores se ver como classe histórica que são: compreender a natureza da forma capitalista e pensar a sua superação, inclusive as vias de realização e as formas organizativas políticas necessárias.

O que devemos destacar é que isso tem que ser construído pela prática política da classe trabalhadora, é um esforço subjetivo da classe no seu caminho de emancipação. Aqui ocorre, no entanto, uma inversão interessante.

É típico do ciclo que estamos encerrando aqui. Do mesmo modo que acreditamos que podemos produzir o salto da consciência através da educação, contrapondo novas ideias às velhas ideias, passamos a acreditar que as tarefas descritas, como a elaboração das estratégias, as vias revolucionárias e as formas organizativas a elas associadas, são uma espécie de tarefa que a história resolve por nós. Vejam que interessante, nós queremos fazer o trabalho da história e esperamos que ela gentilmente faça o nosso.

Tem uma crise mundial e os marxistas todos vão para a janela e falam: “Agora vai. Os trabalhadores olham para esquerda dividida e perguntam quando vamos nos unificar?” Respondemos: “Depende da história”.

O problema é que não depende da história. E sim, da ação política da classe, da ação subjetiva da classe, da capacidade de se apropriar do instrumento teórico da classe, que é o marxismo, para compreender o real além de suas aparências, analisar as situações e contextos concretos numa perspectiva histórica e deles derivar nossos planos de luta e formas organizativas. Esse conjunto de tarefas cabe aos trabalhadores, não à história.

Não me assusto com o apassivamento, pois tenho certeza de que ele não é definitivo. Várias vezes na história as pessoas chegaram a acreditar que a ordem finalmente havia neutralizado seu principal inimigo, seja pelo uso brutal da força, seja pelo poder ideológico de gerar “consentimento”. Devemos lembrar de situações dramáticas como o nazismo ou de militantes revolucionários nos EUA na década de 1920, no auge da Social-democracia europeia ou em outras situações limites.

É difícil viver em épocas de reação conservadora. Agora não devemos nos assustar, porque a dinâmica das relações capitalistas produzirá as condições em que a classe romperá esse véu enganador das aparências consensuais que tenta encobrir os antagonismos reais e a classe reencontrará seu processo de luta – vejam as coisas como estão na Europa e nos EUA hoje. A ordem do capital continua fazendo seu trabalho. Ela vai nos explorar até provocar pontos de tensão de incompatibilização com a vida. Já no campo das condições subjetivas há problemas.

Quando nossas formulações se apresentam equivocadas, a representação política da classe acaba por moldar a classe e sua ação em uma direção igualmente equivocada. Não se trata do desvio idealista que atribui ao elemento teórico o poder decisivo que determina o sucesso ou fracasso de uma alternativa, mas de considerar que ele, nos termos de Engels ([1890], p. 284), pode agir de maneira decisiva na determinação das formas das lutas em curso.

Se nos equivocamos na compreensão da formação social brasileira, traçamos estratégias equivocadas. Isso implica em desvios na forma como organizamos a classe para ação e os caminhos que indicamos para serem trilhados.

Por exemplo, a força hegemônica que dirige hoje a classe trabalhadora (o PT) está convencida de que os problemas sociais se resolverão pelo desenvolvimento do capitalismo, e que o socialismo foi reduzido a uma meta moral, um valor ligado à luta pela igualdade e contra a injustiça e isso pode

ser alcançado, segundo pensam estes senhores, sobre o solo das atuais relações sociais de produção e as formas de propriedade próprias do modo de produção capitalista. Mais do que isso, os problemas e carências da classe trabalhadora são expressão do baixo desenvolvimento do capitalismo, portanto, seriam resolvidos pelas políticas de desenvolvimento. Tal compreensão nos levou à proposta de pacto social que orienta o governo petista e suas consequências.

Uma análise concreta de uma situação concreta, no entanto, nos levaria a outra constatação: o capitalismo completou-se no Brasil e no mundo. Não temos educação, não temos saúde, temos várias formas de opressão, de desumanização, tudo virou mercadoria, e tudo isso não se dá por falta de capitalismo, nós temos essas carências por causa do desenvolvimento capitalista. Ora, essa constatação nos leva a uma conclusão: nossa estratégia deve ser uma estratégia socialista.

Retornando ao nosso tema, temos que considerar que chegar à constatação da necessidade de uma estratégia socialista não implica que a classe trabalhadora em seu movimento real tenha percorrido o caminho que a leve à mesma consciência. Acreditamos que o processo político recente a tenha levado no sentido contrário. Nossa classe está convencida de que o capitalismo não é tão ruim assim, desde que eu ganhe o suficiente para pagar as prestações. Sua autonomia de classe foi quebrada, sua identidade moldada nos limites de uma cidadania burguesa, como consumidores, cindidos entre indivíduos privados na sociedade civil e cidadãos no Estado.

Há um abismo entre a consciência possível que chega à necessidade de superar capital e o sujeito que pode realizar essa superação.

Dois caminhos se apresentam neste momento: ou você desiste e vira pós-moderno, ou você vai até a classe e vai buscar as mediações políticas, educacionais e organizativas necessárias para construir o movimento no sentido dessa superação. Nesse trabalho a educação formal e a não formal é essencial. Acredito como Paulo Tumolo (2002), que a educação formal é necessária, mas insuficiente.

É essencial que a classe crie seus próprios espaços formativos, pois não é verdade que o conhecimento considerado como neutro nos ajude em nossas tarefas pelo simples fato de ser conhecimento humano acumulado bastando socializá-lo. O conhecimento é revestido de ideologia, direcionado para uma funcionalidade de reprodução e garantia da ordem. Os trabalhadores, na imagem gramsciana, devem fazer seu inventário, resgatar do conhecimento

universal mais desenvolvido as bases para constituição de sua autonomia de classe, desvelando os fundamentos políticos e os interesses de classe que perpassam o conhecimento e as formas educativas, esta é uma tarefa que passa pela socialização do conhecimento nos espaços formais, mas exige que saibamos construir nossos próprios espaços formativos, pois certos temas e formas educativas exigem espaços próprios e independentes.

Nossa tarefa, então, é construir as mediações que permitam que a consciência como possibilidade objetiva de um sujeito histórico se transforme em força material e se apodere das massas elevando sua consciência imediata ao nível de uma consciência revolucionária, ou como afirmou Che Guevara, quando o extraordinário se torna cotidiano é a revolução. Mas, o que fazer numa circunstância onde percebemos a necessidade da revolução, ela não é possível? Preparar as condições que a tornem possível. Eis nossa tarefa.

Mas, os trabalhadores vão entender ou estamos separados pelo abismo de duas formas de consciência e duas linguagens estranhas entre si? Será este um diálogo impossível? Deixemos que Bertold Brecht (1982, p. 39) nos responda:

É sensato. Todos podem entender. É fácil.
Você não é um explorador,
podes compreendê-lo.
É feito para você.
Procure examiná-lo.
Os estúpidos chamarão de estupidez,
os imundos de imundice,
mas está contra a sujeira e a estupidez.

Os exploradores consideram um crime,
mas nós sabemos
que é o fim dos crimes.
[...]
Não é um enigma,
mas a solução do enigma.
É uma coisa simples,
Difícil de ser feita.

REFERÊNCIAS

- BRECHT, Bertold. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Elo, 1982.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.
- ENGELS, Friedrich. Carta à Bloch, setembro de 1890. In: ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Alfa-Ômega, [1980]. 3v.
- FOLHA de São Paulo, São Paulo, 27 ago. 2010. Caderno A, p. 8.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976
- GORENDER, Jacob. *Marxismo sem utopia*. São Paulo: Ática, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 1v.
- HEGEL, Georg W. F. *A fenomenologia do espírito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- IASI, Mauro. *O dilema de Hamlet: o ser e o não ser da consciência*. São Paulo: Viramundo, 2002.
- IASI, Mauro. *Metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- IASI, Mauro. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Expressão popular, 2011.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Porto: Escorpião, 1974.
- LUKÁCS, Georg. *Táctica y ética, escritos tempranos (1919-1929)*. Buenos Aires: El cielo por asalto, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, F. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- REICH, Wilhelm. *A psicologia de massas do fascismo*. Porto: Escorpião, 1974.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica de la razón dialectica*. Buenos Aires: Lousada, 1979.

TUMOLO, Paulo S. *Da contestação à confrmação: a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

WEBER, Max. *Ensaaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Educación y conciencia de clase: estrategia revolucionaria

Resumen

El presente artículo reflexiona entorno del desarrollo de la conciencia de clase y de las estrategias de transformación social, destacando el papel de la educación a partir de necesidad de comprender el actual momento de apaciguamiento de la clase trabajadora. Para tal fin el concepto de ideología en Marx es fundamental para el análisis.

Palabras clave: Ideología. Pasivación. Conciencia de clase. Educación. Marxismo.

Education and class consciousness: revolutionary strategy

Abstract

This paper discusses the development of class consciousness and strategies of social transformation, highlighting the role of education, based on the need to understand the current moment of passivation of the working class using the Marxian concept of ideology.

Keywords: Ideology. Class Consciousness. Education. Marxism.

Mauro Iasi:

E-mail: mauroiasi@gmail.com

Recebido em: 19/3/2012

Versão final recebida em: 14/6/2012

Aprovado em: 27/6/2012